



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

CRENÇAS LINGÜÍSTICAS DE ALUNOS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA NO ÂMBITO DA EAD

Fátima Christina Calicchio¹

Mestra em Letras na área de Estudos Linguísticos pela Universidade (2014). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2009); Tem interesse em estudos da língua pelo viés da Sociolinguística Educacional e da perspectiva Funcionalista. fatima.calicchio@unicesumar.edu.br

RESUMO

No âmbito de alguns cursos de ensino superior que possuem a Língua Portuguesa em suas matrizes curriculares em EAD, há uma expectativa de se aprender a norma-padrão. Diante dessa problemática, neste trabalho, procuramos responder a esta indagação: como possibilitar que o nosso aluno de língua portuguesa desenvolva competências linguísticas, para que ele tenha acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da sua profissão e da sua cidadania? Para dar conta de responder a essa indagação, acreditamos que um estudo sobre as crenças linguísticas poderiam se configurar como um caminho profícuo para isso. Assim, o objetivo deste trabalho assenta-se na tentativa de desconstruir o conceito de língua unívoca, a fim de evidenciar se a Sociolinguística Educacional pode funcionar, ou não, como uma ferramenta favorável à desconstrução da concepção de uma variedade tida como padrão sobre os estudos da língua aos alunos e aos professores de Letras e áreas afins no âmbito da EAD. Para tanto, este trabalho tem como aporte teórico a Sociolinguística Educacional. Com base nos resultados desta pesquisa, esperamos contribuir para estudos que evidenciem a necessidade de se trabalhar com uma pedagogia da variação linguística (Faraco 2008).

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Educacional; Variações linguísticas; Educação a Distância.

1 INTRODUÇÃO

Para o sociolinguista Faraco (2008) a língua é o próprio conjunto de variedades, logo, a língua trata-se de uma realidade heterogênea, contudo, no âmbito de alguns cursos de ensino superior, refiro-me, especificamente, ao curso de Letras e áreas afins em EAD², essa heterogeneidade linguística encontra barreiras, pois observa-se que há uma expectativa de se aprender a norma! Isto é, os graduandos possuem uma crença de que durante o curso de Letras ou nos cursos que têm a disciplina de Língua Portuguesa, aprenderão 'a língua' e não 'sobre a língua'. Em vista disso, este trabalho justifica-se pelo interesse em trazer à baila as concepções da Sociolinguística Educacional e objetiva, de maneira geral, prover um entendimento acerca do favorecimento, ou não, da Sociolinguística Educacional no curso de Letras e de cursos em EAD que envolvem o ensino da língua portuguesa.

Os objetivos específicos centram-se em: 1) evidenciar as crenças dos estudantes dos cursos de Letras e áreas afins sobre a língua, 2) apresentar aos graduandos do curso de Letras e áreas afins em EAD as concepções da Sociolinguística Educacional, a fim de evidenciar se essa teoria pode funcionar, ou não, como uma ferramenta favorável à desconstrução da concepção de uma variedade tida como padrão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como este estudo, a partir de um olhar mais geral, objetiva evidenciar se a Sociolinguística Educacional pode funcionar como ferramenta favorável, ou não, à desconstrução da homogeneidade linguística, acreditamos na relevância de um estudo que prioriza o estudo da língua em seu contexto de uso. Nesse sentido, as investigações que orientarão esta pesquisa, aliados à Sociolinguística

¹ Este trabalho foi desenvolvido como requisito para a conclusão da disciplina intitulada *Princípios da Sociolinguística Educacional*, a qual realizei na condição de aluna especial em nível de doutorado, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina (UEL) 2016.

² Faço referência a educação a Distância.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Educacional, terão como ponto de partida a premissa de que a língua é um instrumento de interação social que segundo Garcez: “A linguagem é uma atividade humana cujas categorias observáveis se modificam no tempo e apresentam um funcionamento profundamente interdependente do tipo de contexto social em que ocorrem.” (GARCEZ, 1998, p.46)” Por esse domínio, como ponto de partida para reflexões sobre a heterogeneidade da língua, acreditamos que seja necessário nos ocuparmos dos estudos sobre as noções de Norma Culta e a Norma-padrão.

2.1 NORMA CULTA OU NORMA-PADRÃO?

De uma maneira bem genérica, além do discurso extrauniversitário, é possível observar que a noção de norma culta apresenta uma imprecisão semântica como argumenta Faraco (2008) “Ao se difundir pelos espaços não propriamente universitários, ao se tornar uma expressão quase de senso comum, norma culta foi perdendo precisão semântica [...]” (p. 21). No âmbito universitário essa imprecisão toma proporções ainda maiores quanto ao seu conceito, tanto que as noções de norma culta e norma-padrão têm sido tomadas como sinônimas.

Faraco (2008) argumenta que há uma confusão recorrente, não só no discurso universitário como também no discurso da mídia sobre os conceitos de norma culta e norma-padrão. As esferas envolvidas nessa discussão acreditam que os dois vocábulos se referem, simplesmente, a duas maneiras distintas de tratar o mesmo assunto, entretanto, há diferenças importantes entre esses dois conceitos. Para Faraco (2008) a norma culta relaciona-se com a norma falada pela comunidade mais letrada³, logo, podemos entender que essa noção remete à ideia de valor, de intelectualização, fato considerado perigoso por Cyranka (2007), uma vez que “[...] se tais valores a ela atribuídos não correspondem a fatos linguísticos reais, principalmente quando se trata não dessa variedade prestigiada, mas de outras estigmatizadas.” (CYRANKA, 2007, p. 54)

Segundo essa autora, ao considerar a noção de valor social vinculado à língua, poder-se-ia gerar conceitos estigmatizadas em variedades não cultas ou não prestigiadas como acontece com os falantes da norma rural ou “que costuma ser associado ao seu modo de falar, caracterizado, principalmente por traços como erre retroflexo, a troca do [ʌ] por [j], a queda do erre final dos substantivos e verbos, etc.” (ILARI, p. 163, 2009). Em consonância com o posicionamento de Cyranka (2007), vejamos essas palavras de Faraco:

[...] ela se tornou historicamente objeto privilegiado de registro, estudo e cultivo sociocultural. Esse processo produziu, no imaginário dos falantes, a representação dessa norma como uma variedade superior, como uma variedade melhor do que todas as demais. (FARACO, 2008, p.71)

Esse sociolinguista explica que essa representação imaginária leva os falantes a acreditarem que a norma culta é mais privilegiada e que as demais “são degradações da língua.” (FARACO, p.71, 2008). Pelas palavras de Faraco, podemos compreender que esse autor considera essa representação imaginária que os falantes têm sobre a norma culta como um equívoco, haja vista que ela não encontra apoio nas situações reais de interação, primeiramente por que: “[...] as mudanças, como bem demonstra a linguística histórica, nunca alteram a plenitude estrutural de nenhuma das variedades da língua. Elas passam sim por contínuas reconfigurações estruturais, mas nunca perdem seu caráter estruturado.” (FARACO, 2008, p.71)

Como podemos inferir, Faraco defende que a noção de norma culta é ilegítima, pois teríamos de desconsiderar as variedades da língua, fato que nos levaria a considerar essas variedades como

³ Faraco (2008) considera como letrados os falantes de concluíram pelo menos o ensino médio



inferiores à norma culta, isto é, ao colocarmos a norma culta em um patamar de superiorização, nos levaria a manutenção do preconceito linguístico.

Pelo esclarecimento de Faraco, podemos compreender que a noção de norma não pode limitar-se apenas a expressão “norma culta”, uma vez que, norma constitui-se por um conjunto de fatos linguísticos que caracterizam a maneira como normalmente falam os membros de uma determinada comunidade de fala.

Após essa breve discussão sobre o conceito de norma, passemos agora a tratar da noção de norma-padrão. Para atender a necessidades políticas e sociais de uma comunidade mais letrada, no caso do Brasil, sob herança de uma tradição greco-latina a norma-padrão surge com a finalidade de regulamentar seu uso consoante padrões literários de expressão. A esse respeito, leiamos esta explicação de Faraco:

[...] a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do romantismo. [...] O modelo não foi, portanto, a⁴ língua de Portugal, como muitos pensam, imaginando uma homogeneidade que, de fato, não existe, já que o português de lá é, como qualquer língua, um emaranhado de variedades. (FARACO, 2008, pp. 78- 79)

Acredita-se que, retomando o conceito sobre a relação entre a linguagem e a estrutura do pensamento, a norma-padrão ganhou um caráter novo, isto é, começou a ser elaborada segundo a concepção de língua como “espelho” da organização do pensamento. Para essa visão, de cunho preconceituoso, todas as línguas consistem em um sistema fixo e comum de categorias linguísticas, que seriam, na verdade, categorias do pensamento. Diante dessa visão da criação de uma língua unívoca, vejamos esta explicação de Faraco:

O projeto da norma-padrão no Brasil teve, então, como objetivo fundamental, [...] combater as variedades do português popular. Se no século XVIII, com o Diretório dos Índios, se buscou implantar uma política que visava calar as línguas indígenas, em especial a chamada língua geral, no século XIX, a intenção era calar as variedades rurais e (progressivamente) urbanas. Nesse afã, os formuladores e defensores da norma-padrão se opuseram com igual furor às características das variedades populares e às das variedades cultas faladas aqui. (FARACO, 2008, p.80)

Como podemos entender pelas palavras de Faraco, passou a ser defendida a existência de variedades linguísticas melhores e mais puras do que outras: assim, a língua literária clássica era a única variedade considerada realmente válida, sendo a modalidade escrita superior à modalidade oral. Essa visão, cunhada pela concepção de língua como espelho do mundo, existe apenas a variedade padrão como legítima e todas as demais concepções são excludentes, uma vez que suas manifestações linguísticas são consideradas como erros, desvios, deformações da língua. Sobre essa visão unilateral da língua, acrescentamos este argumento de Possenti:

A preocupação com a correção está associada à ascensão social, à aprovação em concursos e vestibulares. Em sociedades como a nossa, esse tipo de conhecimento é bastante valorizado. Pessoas que escorregam em determinadas construções linguísticas são de alguma forma desprezadas ou desvalorizadas. É por causa desse tipo de avaliação que tentamos falar de maneira correta, sobretudo em situações sociais em que mais claramente somos avaliados, podendo ser aceitos ou rejeitados. (POSSENTI, 2011, pp. 110-111)

⁴ Grifo do texto original.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Diante dessa exposição, podemos compreender que está embutida na norma-padrão a ideia de que existe um modelo a ser seguido pelas variantes da língua, diferente do modelo elaborado para a classe dominante, isto é, trata-se de uma organização linguística particularizada que contempla somente os usos aceitos pela língua de prestígio social. Assim, podemos entender que a norma culta se liga modalidade oral e a norma-padrão a expressão escrita.

2.2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Sobre os estudos das crenças e atitudes linguísticas dos alunos dos cursos de língua portuguesa no âmbito da EAD, nosso objetivo volta-se para a necessidade de se compreender por que, muito embora, os estudos sobre as questões da língua tenham avançado, o estudante, ainda, traz para o convívio universitário uma visão monolítica da língua. A esse respeito, Cyranka (2011), assim argumenta:

No meu trabalho com graduandos do curso de Letras, tenho me surpreendido com a dificuldade dos alunos em perceber e estabelecer a correlação entre aspectos variáveis e discursivos e a prática docente. Nas sessões de seminários e, especialmente, nas de reflexão sobre as experiências no estágio em língua portuguesa, fica patente, por exemplo, sobre o conceito de erro gramatical, sobre a concepção de oralidade e letramento e sobre os objetivos das atividades escolares com a língua materna. (CYRANKA, 2011, p. 41)

Como podemos observar, entre os estudantes há uma concepção de aprendizagem de língua que se limita a metalinguagem, deixando de lado questões como reflexões sobre o funcionamento dela. Diante desse problema, procuramos responder a esta indagação: como possibilitar que o nosso aluno de língua portuguesa desenvolva competências linguísticas, para que ele tenha acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da sua profissão e da sua cidadania? Para dar conta de responder a essa indagação, acreditamos que um estudo sobre as crenças e atitudes linguísticas poderia se configurar como um caminho profícuo para isso. Os estudos das crenças e atitudes é um dos assuntos de que se ocupa a Sociolinguística, esses estudos se configuram, principalmente, no âmbito educacional. A esse respeito, (SANTOS 1996, p.8, apud CYRANKA, 2011) defende que as nossas atitudes têm origem em nossas crenças sobre determinado objeto, pessoa, situação, que é, para Santos, essencialmente este:

Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza. [...] já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chega-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas [...] (SANTOS, 1996, apud CYRANKA, 2011, p. 50)

Pela exposição acima, as nossas atitudes em relação um determinado evento comunicativo, coisas, pessoas nascem das nossas crenças. Sobre crenças, acrescentamos este conceito de Barcelos:

Entendendo crenças, de maneira semelhante a Dewey, como uma forma de pensamento, como construções de realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, construídos em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais) dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2006, apud CYRANKA, 2014, p.144).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Por essa via, poderíamos compreender, também, que a variedade linguística que o aluno traz para o âmbito escolar em nível básico e ou universitário são construídas durante o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, entendemos que, em parte, é responsabilidade do professor prover ao aluno situações positivas em relação a língua portuguesa como argumenta, Cyranka:

De qualquer modo, qualquer que seja o caminho trilhado pelo professor, no sentido de levar seus alunos a se engajarem no processo de desenvolvimento de competências de leitura e de escrita, requer o cuidado de também levá-los, [...] a construir crenças positivas sobre essa sua capacidade. (CYRANKA, 2014, p.134)

Feita essas breves considerações sobre as noções de crenças e atitudes linguísticas as quais trataremos na seção de análise dos dados. Passaremos agora aos procedimentos metodológicos.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para este estudo, consideramos que uma pesquisa de caráter qualitativo seria a mais adequada à proposta deste trabalho que intenta evidenciar se a Sociolinguística Educacional pode constituir-se como ferramenta favorável, ou não, à desconstrução do conceito de uma variedade tida como padrão no curso de Letras e áreas afins em EAD.

Nesse sentido, todas as ações aconteceram em meio virtual, isto é, a aplicação da pesquisa para obtermos dados para alcançarmos os objetivos deste estudo, foi realizada por meio das ferramentas disponíveis no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) dos alunos da EAD na sede de uma Instituição de Ensino Superior privada situada no interior do noroeste Paranaense. Essas ferramentas são: mural de avisos, mensagens, fóruns de debates virtuais, atividades de estudos, videoaulas, videoconferência, chats; espaço da sala do café, links, dentre outras ferramentas.

Para tanto, nossa investigação se deu em duas etapas: 1) inicialmente, pela ocasião da 1ª videoaula, lançamos uma pergunta-teste, a fim de fazermos um levantamento de crenças dos estudantes sobre questões de língua. Para ilustração dessa possibilidade, propomos esta pergunta pela ocasião do fórum I: *Para entender a língua portuguesa é necessário entender gramática?*

Na outra etapa, pela ocasião da última videoaula, realizamos a 2ª pergunta, pela qual propomos a produção de um gênero textual, que denominamos de fórum II. Acreditamos que essa segunda etapa foi relevante para que pudéssemos não apenas comparar a subjetividade dos alunos a partir da aplicação da primeira etapa, mas também, relevante porque gerou uma estatística sobre o grau de influência da teoria de base nos participantes.

E, por fim, fizemos um confronto entre os resultados obtidos pelas duas etapas mediante uma análise sobre a atuação da Sociolinguística Educacional nos alunos da EAD. Esse confronto teve como objetivo constatar ou refutar se a Teoria apresentada aos graduandos agiria de forma mais positiva ou não.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados retirados dos fóruns de debates virtuais, que evidenciaram as crenças e atitudes linguísticas dos alunos envolvidos nesta pesquisa. O problema levantado nesta investigação (conf. Introdução) que se ampara na crença que os alunos carregam sobre a legitimidade de uma variedade considerada como padrão de língua revelou-se na maioria das participações dos alunos pelo fórum I. Como aponta os resultados no Gráfico 1.

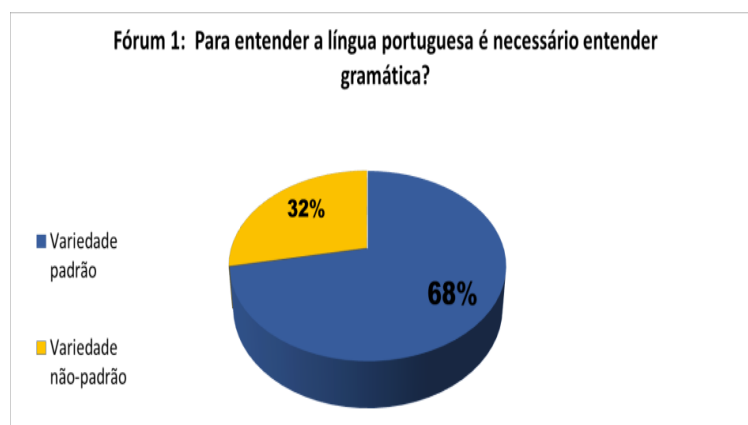


Gráfico 1: Crenças linguísticas dos alunos de cursos das disciplinas de Língua Portuguesa na EaD

Fonte: autora

Os resultados das crenças sobre a língua portuguesa, obtidos pelo fórum I, indicam que a maioria dos acadêmicos (68%) acreditam que para entender a língua portuguesa, necessariamente, é preciso entender gramática e (32%) acreditam que não é preciso da gramática para entender a língua portuguesa, isso revela que os estudantes entenderam o valor social das variantes linguísticas. Os exemplos em (1) e (2) ilustram a crença dos alunos a favor da variedade não padrão.

- (1) “levando em consideração que a língua culta é a única que consegue produzir e traduzir os pensamentos que circulam no mundo da filosofia, da literatura, das artes e das ciências, ela tem valor importantíssimo, mas não deve ser priorizada em detrimento da linguagem popular [...] (Polo de Maringá)
- (2) Para entender a língua portuguesa não é necessário entender a gramática uma vez que a forma como falamos e pronunciamos as palavras é diferente em cada região. Cada lugar possui sua cultura, seu povo e suas crenças o que faz com que o modo de falar se diferencie de uma região a outra. (Polo de Belo Horizonte-DF)

Já os exemplos (3) e (4) evidenciam os resultados de (68%) que favorecem a variedade-padrão. Vejamos.

- (3) “[...] acredito que a linguagem deve estar alinhada a gramática para que sejamos ótimos comunicadores.” (Polo de Curitiba-PR).
- (4) “a norma culta tem um valor imensurável e que as formas de cultura mais rebuscadas necessitam de um estudo da estrutura gramatical, logo, para entender a língua portuguesa é necessário esse conhecimento.” (Polo de Brasília - Asa Sul -DF).

Com base na definição de crença proposta por Santos (2006), os (68%) dos estudantes investigados tomam o objeto, língua portuguesa, como sinônimo de gramática. Tomemos o exemplo (3) em que a crença do acadêmico materializa-se pela sua convicção de que para entender a língua



Encontro Internacional de Produção Científica 24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

portuguesa é necessário passar pelo conhecimento da norma culta. Essa crença do aluno do polo de Brasília revela uma confusão de conceitos apontada por Faraco (2008) como um equívoco, uma vez que são fenômenos distintos, contudo, convicções compreensíveis como explica Faraco: “O problema não está, porém, apenas no equívoco, mas no pano de fundo sobre o qual o equívoco se constituiu e se cristalizou.” (FARACO, 2008, p. 166). Essas palavras do professor Faraco chama-nos a atenção para o problema de uma pedagogia voltada para uma hierarquização da variedade prestigiada que pode levar a manutenção da ideia de que existe apenas uma norma a ser seguida, que é de prestígio social.

O resultado que aponta o favorecimento da maioria dos estudantes pela língua que tem um valor social nos remete à argumentação desse autor sobre a existência de uma língua monolítica apenas “nas representações imaginárias de uma cultura e nas concepções políticas de uma sociedade.” (FARACO, 2008, p.31)

Na última videoaula, pela produção textual do gênero *Resposta Argumentativa*, disponibilizado no ambiente intitulado fórum 2, propomos que os acadêmicos respondessem a esta pergunta: “O internetês pode colocar a nossa língua em risco? Isto é, “o internetês pode descaracterizar a gramática e o vocabulário da norma culta?”

A nossa intenção com a solicitação da produção do gênero Resposta Argumentativa pelos alunos era que essas produções nos proporcionassem dados para que pudéssemos comparar a subjetividade e a atitude dos acadêmicos entre os fóruns, a fim de analisarmos a atuação da Sociolinguística Educacional.

Os resultados do Gráfico 2, evidenciam que (14,6%) dos alunos são a favor da variedade-padrão e (85,4%) são a favor da variedade não-padrão. Ao consideramos o resultado de (14,6%) que nos mostram o favorecimento dos alunos frente à variedade padrão, foi pouco significativo para esse percentual de estudantes a atuação da Sociolinguística Educacional. Para ilustrarmos esse resultado, vejamos o Gráfico 2.

Fórum 2: “O internetês” pode colocar a nossa língua em risco? Isto é, o “internetês” pode descaracterizar a gramática e o vocabulário da norma culta?”

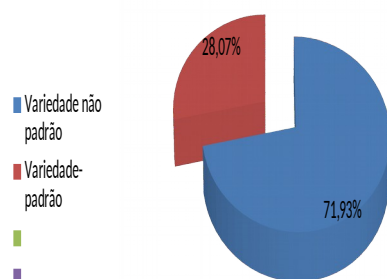


Gráfico 2: Respostas dos alunos sobre a variedade padrão e variedade não -padrão

Fonte: autora

Importa destacar que esses (14,6%) dos alunos, ainda se mostram inflexíveis com relação às variedades linguísticas. Esse fato revela-nos a influência da variedade de prestígio social como podemos observar pela resposta do (a) aluno (a) do polo de Tibagi, PR no exemplo (5).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

- (5) “O *internetês* é uma pratica inadequada e constante no nosso dia-a-dia , nota-se como ele descaracteriza a linguagem padrão e a nossa gramatica , sendo assim interferindo no modo de escrever , falar .” (Acadêmico (a) do polo de Tibagi-PR)

De igual maneira, podemos comprovar a influência da norma de prestígio social pela resposta do acadêmico (a) do polo de Riacho Fundo-DF, é interessante ressaltar, que, apesar de termos trabalhado com os alunos as considerações de que a língua demanda uma organização diferente conforme o contexto em que ela é veiculada, ainda assim, prevaleceu nesses acadêmicos a influência da supremacia da norma que é socialmente valorizada como podemos observar, especificamente, pelas construções em (5) de que “o “*internetês*” pode descaracterizar a língua-padrão.” E ou em (6) quando o aluno (a) destaca que o “*internetês*” pode pôr em risco a língua portuguesa e até descaracterizá-la, como podemos observar no exemplo que segue.

- (6) “ Sob o meu ponto de vista o *internetês*, pode sim por em risco a nossa língua, dessa forma descaracterizando a gramática, pois ele abrange uma forma de linguagem simples e muito informal é mais usada nas redes sociais, e nas mensagens de texto, sendo uma forma de dar mais agilidade as conversas. Para isso, ignoramos o uso de acentos, regras ortográfica[...]” (Polo de Riacho Fundo –DF) (Grifos da autora)

Essa postura dos (14,6%) revelam uma rejeição em relação ao objeto - língua- e suas variedades, isto é, as crenças sobre a língua portuguesa, configurando-se como uma atitude negativa em relação a variedades linguísticas. Ao analisarmos os resultados de (85,4%) a favor da língua não padrão, isto é, das variedades linguísticas e ao considerarmos que as nossas atitudes em relação ao mundo que nos cerca, como pessoas, coisas, situações, nascem das nossas crenças (SANTOS, 1996, apud Cyranka, 2014) e que, felizmente, essas crenças podem ser trabalhadas de forma positiva como defende Cyranka (2014), acreditamos que as considerações da Sociolinguística Educacional se constituíram como um caminho possível para desenvolver competências linguísticas nos acadêmicos das disciplinas de Língua Portuguesa. Assim, para entendermos melhor o grau de influência dessa teoria, vejamos os resultados conforme expõem o Gráfico 2, acima. Com relação às respostas dos acadêmicos no Fórum 2, pelos (85,4%) podemos evidenciar que as suas atitudes em relação ao -objeto língua- e suas variações foram de atitudes positivas como ilustram os exemplos (7) e (8).

- (7) “Todos nos utilizamos dessa linguagem, mas devemos ter o bom senso, o *Internetês* tem o lugar certo para ser utilizada, assim como tem o português padrão, cada coisa em seu lugar. Tem as vantagens e as desvantagens cabem a nós utilizá-la de uma maneira correta e com isso ira favorecer o nosso aprendizado, cada ambiente deve ter a sua própria variedade linguística aonde é preciso conscientizar.” (Polo de Blumenau-SC)
- (8) [...] as variações acontecem por conta da comunicação, onde existem os diferentes falares de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes e não por erros, e essas diferenças enriquecem a nossa língua portuguesa. Contudo mesmo que algumas variações não apresentem o mesmo prestígio



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

social no Brasil não devemos colaborar com o preconceito linguístico. (Polo de Campo Mourão- PR)

Sobre a atitude positiva materializada pela resposta do acadêmico (a) do polo Blumenau-SC, no exemplo em (7), chama-nos a atenção este trecho: “cada ambiente deve ter a sua própria variedade linguística”, podemos compreender que o aluno (a) faz referência às possibilidades de adaptações que a língua pode sofrer conforme o seu contexto de uso. Merece destaque a resposta do aluno (a) do polo de Campo Mourão-PR, cuja resposta revela, também, uma atitude positiva em relação às variedades linguísticas. Tomemos como exemplo esta “fala” do acadêmico (a): “as variações acontecem por conta da comunicação, onde existem os diferentes falares de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes e não por erros e essas diferenças enriquecem a nossa língua portuguesa”.

5 CONCLUSÃO

Algumas considerações merecem destaque, pois os resultados obtidos nesta pesquisa atestam a nossa problemática levantada (conf. a Introdução) sobre a crença dos acadêmicos na legitimação da norma de prestígio, uma vez que, em um primeiro momento da nossa pesquisa, a maioria dos estudantes se mostrou favoráveis à norma padrão.

Quanto a nossa indagação se a Sociolinguística poderia funcionar como mecanismo profícuo para a possibilidade de desenvolvermos alunos mais sensíveis às variedades linguísticas se confirmou, uma vez que a maioria dos acadêmicos, pela ocasião da segunda etapa desta pesquisa, manifestaram atitudes positivas em relação às variedades da língua.

Com base nos resultados desta pesquisa, concordamos com Cyranka (2011) sobre a importância de o professor construir crenças positivas aos alunos em relação à língua e suas possibilidades de uso, bem como a não imposição da norma de prestígio sem reflexão crítica dessa variedade. Concordamos, também, com Faraco (2008) sobre a necessidade de trabalharmos com uma pedagogia da variação linguística com vistas a desenvolvermos nos alunos a importância da legitimidade das variações linguísticas.

REFERÊNCIAS

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora** – MG. 2007. 174 f. (Tese de Doutorado)

_____. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.) **Ensino de português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. P.133- 155.

_____. Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas. In: **Dos dialetos populares à variedade culta. A Sociolinguística na escola**. Curitiba: Appris, 2011.

GARCEZ, Lucélia: **A escrita e o outro**. UNB. Brasília, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo. Parábola editorial, 2008.



X
EPCC

Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

ILARI, R. (Org.) **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2ª ed. São Paulo. Contexto, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Passeio gramatical dirigido**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.